



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

Sessão Semi-plenária: Reconfiguração de Territórios Profissionais: Contextos, Qualificações e Experiências dos Sociólogos

QUATRO IDEIAS SOBRE A SOCIOLOGIA E O SEU USO PROFISSIONAL

CAPUCHA, Luís

PhD, Desafios da Pobreza, Instituto Universitário de Lisboa / ISCTE-IUL, luis.capucha@iscte.pt

Resumo

A reflexividade, como atributo das pessoas e das instituições sociais, permite-lhes utilizar a sociologia na resolução de problemas sociais. Essa é, de resto, a vocação com que esta ciência nasceu.

A sociologia continua a responder aos desafios colocados pelos problemas sociais, não apenas através do trabalho produzido nas instituições académicas, mas também nos mais diversos contextos profissionais. A presença da sociologia na sociedade portuguesa tem vindo a crescer e a diversificar-se. Porém, a presença dos sociólogos que não trabalham nas universidades na APS tem vindo a reduzir-se.

Ora, importa por isso criar os instrumentos que permitam uma melhor estruturação da profissão. Desde logo afastando a tralha do relativismo, em parte responsável pelo afastamento dos sociólogos não académicos. Depois multiplicando as possibilidades de encontro e de participação nas estruturas associativas.

Abstract

Reflexivity, as an attribute of individuals and social institutions, enables them to use sociology in solving social problems. This is, moreover, the calling with which this science was born.

Sociology continues to meet the challenges posed by social problems, not only through the work produced in academic institutions, but also in various professional contexts. The presence of sociology in Portuguese society has grown and is very diversified. However, the presence of sociologists who do not work in universities in the APS's activities has been reduced.

It is therefore necessary to create the instruments for a better structuring of the profession. Immediately removing the stuff of relativism, partly responsible for the removal of non-academic sociologists. And afterwards multiplying the possibilities of meeting and participation in the APS initiatives.

Palavras-chave: Missão da Sociologia; Reflexividade; Profissão Sociólogo; Diversidade

Keywords: Mission of Sociology; Reflexivity; Professional Sociology; Diversity

Primeira ideia: o fator reflexividade

A Sociologia nasceu com uma vocação que marca a sua perspectiva, os seus procedimentos e a sua identidade como ciência e o seu exercício como profissão: a de contribuir para a solução de problemas sociais. Isto é, para além de uma epistemologia propriamente científica, a sociologia possui uma pragmática, correspondente ao compromisso com o bem-estar das pessoas e a qualidade das sociedades. O contributo tem sido significativo, embora muitas vezes impercetível e inconsciente.

Esse contributo faz-se quando a sociologia se constitui como parte dos processos críticos possibilitados pelo atributo da reflexividade que caracteriza as sociedades humanas. Identifico quatro mecanismos principais de processamento do contributo da sociologia para a reflexividade social.

O primeiro e mais genérico reside na produção de um melhor conhecimento dos problemas e dos seus contornos, da sua génese e evolução, das suas dimensões, estruturas e processos, dos seus protagonistas e dos seus interesses. O conhecimento penetra o tecido social e passa a fazer parte dos próprios processos estudados, umas vezes apropriado na forma de ideologia produzida pela reificação de conceitos científicos, como defende Boudon, outras vezes constituindo-se como ferramenta para a ação, como propunha Giddens nas nove teses sobre o futuro da sociologia.

De um modo ou de outro, o conhecimento tem consequências sociais e políticas que importa considerar. Uma delas, e esse é o segundo mecanismo que queria referir, é a participação da ciência no estabelecimento da agenda política. Falamos aqui de política em sentido amplo, enquanto mobilização do poder do estado, das empresas, das instituições e de outras esferas sociais, para a intervenção. A possibilidade de um determinado fenómeno ser considerado problemático e, depois, entrar na agenda política, é quase sempre devedor, pelo menos em parte, do discurso da ciência (o discurso socialmente tomado como credível) sobre ele.

Depois, a sociologia – tal como muitos outros ramos do saber – é chamada com frequência a contribuir para a formulação das políticas, equacionando as alternativas e avaliando o seu alcance e as suas limitações, calculando os seus efeitos, desejados e indesejados, aferindo os resultados e facilitando a apropriação pelos agentes.

Em quarto lugar, a contribuição da sociologia para a reflexividade social passa pela participando com outras ciências no conjunto das metodologias de planeamento e avaliação, oferecendo-se como uma ferramenta útil para a implementação e revisão das políticas em função da evolução dos problemas.

Segunda ideia: não se pode dispensar a liberdade, a imaginação e a responsabilidade

Para se ater à sua vocação e ser socialmente útil, a sociologia carece de liberdade. Não apenas da liberdade política sem a qual muitas vezes é perseguida como ciência malquista pelos poderes totalitários, posto que contribui para a desocultação dos seus desígnios e a denúncia da sua ilegitimidade. Também precisa da liberdade científica. Nomeadamente, da liberdade em relação a correntes de moda no campo científico que impõem muitas vezes agendas de investigação desligadas das necessidades das pessoas.

Para cumprir a sua sina de forma competente, a sociologia precisa de preservar a “imaginação sociológica” (a capacidade de se colocar no ponto de vista dos diferentes atores sociais, compreendendo-os a partir dos sistemas de relações que estabelecem entre si), a criatividade e a autonomia próprias da ciência.

Mas não pode dispensar a responsabilidade e deixar-se levar, de forma diletante, por tópicos apenas interessantes e curiosos, secundarizando os grandes problemas que as sociedades modernas enfrentam.

Terceira ideia: a diversidade de modos de fazer sociologia

Os estudos científicos produzidos na academia devem, na minha perspectiva, seguir a vocação fundadora e respeitar as condições da sua concretização. Mas a academia é apenas um contexto em que se produz ciência, e a produção de ciência é apenas um dos modos de fazer sociologia.

O número de sociólogos presentes na sociedade portuguesa tem crescido acentuadamente e a sua visibilidade também. E os contextos de inserção diversificaram-se. Os sociólogos estão hoje nas universidades e institutos politécnicos, mas também no ensino básico e secundário; na administração pública, em todos os seus setores e desempenhando diferentes cargos, geralmente de topo; em lugares de decisão política, na comunicação social; em empresas de estudos e consultoria; na formação profissional; nas ONGs; nas empresas dos mais diversos setores económicos; nas autarquias; nos hospitais; nos tribunais e numa série de outras instituições e organizações. Sendo os conteúdos de trabalho muito diversos, o que leva alguns deles a pensar que não fazem sociologia, a verdade é que a perspectiva sociológica e um conjunto de competências aprendidas com a sociologia são mobilizados de forma constante.

Nesses diversos contextos, setores e posições profissionais os sociólogos dão contributos relevantes no plano da produção ou convocação de conhecimentos substantivos sobre as realidades sobre as quais trabalham; na utilização de competências relacionais que a sua formação permitiu desenvolver; na disponibilização de técnicas de investigação ou de promoção do debate e da reflexão que são cada vez mais requeridas pelas diversas instituições.

Quarta ideia: é urgente recuperar os sociólogos que não trabalham na academia para a vida quotidiana da APS

Paradoxalmente, nos últimos anos, ao crescimento e qualificação da presença de sociólogos na sociedade portuguesa, tem correspondido não um reforço dos sociólogos não académicos na sua Associação, mas antes um afastamento. Como se a balança entre a cultura associativa e a cultura dissociativa entre ciência e profissão de que falava António Firmino da Costa no Primeiro Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia estivesse a inclinar-se para o lado da dissociação.

Arrisco-me a dizer que, provavelmente, a deriva relativista que assolou a sociologia nas últimas décadas seja responsável por essa situação. A desconsideração de respostas positivas aos problemas e do seu estudo rigoroso e objetivo, em favor de uma ciência assente em opiniões mais ou menos enroupadas na linguagem científica, tornam a sociologia inútil para quem trabalha com problemas que tem de ajudar a resolver. O relativismo e a crítica sem base em evidências é inútil para transformar a sociedade. Por isso, à medida que cresceu a popularidade dessas posições no campo académico, cresce o afastamento dos sociólogos profissionais.

Somos hoje muito mais do que éramos há poucas décadas atrás. As taxas de empregabilidade dos sociólogos são relativamente boas, bem como a qualidade das suas carreiras é tendencialmente satisfatória. Os sociólogos presentes nas instituições não académicas não são já os pioneiros que desbravaram caminho quando quase ninguém sabia o que era preciso fazer nem existiam rotinas profissionais. Mas essa força não se traduz em maior e melhor organização da profissão e, conseqüentemente, em maior qualidade da ciência e das suas aplicações.

É por isso urgente voltar a fazer da APS a casa de todos os sociólogos.

A profissão de sociólogo não é um tema do mesmo tipo dos que estão na base das diversas secções temáticas. É transversal a toda a APS.

A Plataforma que hoje foi apresentada por um conjunto de estudantes de sociologia é uma boa ferramenta com vista a esse objetivo. O envolvimento de todos passa em primeiro lugar por saber onde está cada um. Por isso esses estudantes devem ser apoiados pela Associação e pelas suas estruturas. E depois é preciso recriar dinâmicas renovadas de encontro, discussão e debate aberto a todos os sociólogos oriundos dos mais diversos contextos profissionais.